

**“A juventude da beleza<sup>1</sup>”:**

a moda e o comportamento juvenil na revista Veja de 1980

*“The beauty youth”:  
the youth behavior and fashion in the 1980 Veja Magazine*

Eliza Dias Möller<sup>2</sup>

Elisabeth Murilho da Silva<sup>3</sup>

DOI: <https://doi.org/10.34019/2179-3700.2018.v18.29781>

## Resumo

Este trabalho analisa a forma como a revista *Veja* retrata a juventude dos anos 1980, através das colunas publicadas no período de janeiro a dezembro do ano de 1980. Além disso, pretende-se demonstrar como o comportamento juvenil influenciou e ainda influencia as demais gerações em termos de moda e estilo de vida. Buscamos, nesse sentido, perceber como as questões do corpo jovem ganham mais evidência na relação com a voga da moda esportiva.

**Palavras-chave:** Comportamento juvenil. Moda. Moda esportiva. Corpo jovem.

## Abstract

This work analyzes how the youth of the 1980s appears in *Veja* magazine from January to December of the year 1980 and how the youth behavior influenced and still influences the other generations in the way of dressing and conduct. We also seek to understand how the issue of the body becomes more evident in relation to the vogue of sportswear.

**Keywords:** Youth behavior. Fashion. Sports fashion. Young body.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo está vinculado ao projeto de pesquisa “As contribuições da cultura juvenil para um relaxamento social: a moda dos anos 1978-1980”<sup>4</sup> que busca estudar as relações entre a produção de moda e o comportamento juvenil no período de 1978-1990. De maneira geral, essa década foi pouco estudada em termos das transformações culturais mais profundas que repercutiram nas décadas seguintes. Tal é o caso dos

<sup>1</sup> Título da matéria do caderno Especial da *Veja*, nº632, de 5 de novembro de 1980, p. 60. Trabalho premiado no Seminário de Iniciação Científica da UFJF de 2014.

<sup>2</sup> Graduada do Bacharelado em Moda, bolsista de BIC/ UFJF

<sup>3</sup> Programa BIC/UFJF – Professora do Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens.

<sup>4</sup> Este projeto é vinculado à bolsa BIC/UFJF.



muitas vezes chamados “geração X”, talvez por causa de seu relativo desinteresse político em comparação com as gerações anteriores. Porém, é nesse momento que uma massiva entrada de jovens e mulheres em postos importantes do mercado de trabalho contribui para uma reviravolta na moda e no comportamento, introduzindo estilos e vestimentas mais relaxados e confortáveis, fruto da penetração da cultura juvenil num universo mais amplo da sociedade como um todo. No Brasil do final do governo militar, conforme ressalta Helena Abramo (1994), a entrada dos jovens das classes populares no mercado de trabalho era fundamental para a vivência da condição juvenil, que se caracteriza por estudos, lazeres e sociabilidade.

Partimos do pressuposto de que a moda é a parte mais aparente de transformações sociais mais profundas em termos dos costumes, do comportamento e do lugar dos gêneros e das classes sociais de diferentes períodos históricos e sociedades. Através da moda seria possível observar um “relaxamento” no gradiente de formalidade ou informalidade (ELIAS, 1997) imposto aos indivíduos em sociedade. Ainda conforme o autor, esse possível relaxamento seria, na verdade, a introjeção de maior rigidez e domínio de si, o que aparece como algo mais natural. No referido período de 1980, as influências da cultura juvenil se estendem para além desse grupo etário, traduzindo-se em atitudes e comportamentos valorizados nos grupos adultos. A adoção de uma moda juvenil pelas demais fases da vida e, nesse sentido, a obrigatoriedade do corpo jovem, tem consequências importantes para a compreensão da sociedade contemporânea.

Aqui analisamos as imagens e as matérias da coluna social “Gente” e das demais matérias com destaque nos jovens e nas mulheres em todas as publicações da revista *Veja* do ano de 1980, a fim de investigar como esses personagens eram apontados pela revista.

## 2 DISCUSSÃO

Fundada em 11 de setembro de 1968, a revista *Veja* (editora Abril) pretendia ser a versão brasileira da *Times Magazine*, editada no seu começo por Roberto Civita e Mino Carta, com o intuito de trazer discussões e críticas sobre política, economia, ciências e vida cultural brasileira. Mesmo tendo sofrido prejuízos e censura no período ditatorial, manteve-se como uma revista semanal. Nos anos 1980 a revista gozava de boa respeitabilidade, com matérias críticas ao regime militar e linha editorial que poderia ser

considerada neoliberal e até de centro-esquerda, como outros órgãos da imprensa paulistana; chegou a circular com, em média, mais de 340 mil exemplares semanalmente.

Pensando no contexto da década de 1980, onde o país está em um momento conturbado: o final dos anos 1970; de um lado o espírito hippie e do outro uma ditadura militar que está no fim; momento de grandes tensões nacionais e internacionais; a epidemia da AIDS (que foi a epidemia mais divulgada pela mídia na história); a visibilidade dos jovens e das mulheres no mercado de trabalho, que agora passam a assumir também postos importantes, são fatores cruciais para a reviravolta da moda e do comportamento. As influências da cultura juvenil se estendem para além do seu grupo etário, as atitudes e o comportamento juvenil valorizados são traduzidos nos grupos adultos, sendo “jovem”, “juventude” e “jovial” palavras-chave e elogios presentes na coluna social e em diversas outras partes da revista.

Verifica-se, na moda, uma preocupação em fornecer uma vestimenta adequada ao novo papel da mulher. Assim, a década de 1980 é recheada de terninhos e atitudes que continuam reiterando valores tradicionais tanto nos jovens quanto nos adultos, com diversos dualismos. As famosas ombreiras, que tanto marcaram a moda da década, refletem a preocupação dos estilistas em disfarçar a silhueta feminina com ombros mais largos, procurando a equiparação com os homens, dando origem ao *powersuit* (MENDES, 2009).

A ideia de elegância na moda também vai mudando. Ao longo do século XX percebemos uma inversão de poder na disseminação de tendências, sendo que no começo as tendências partiam majoritariamente das casas de alta costura francesas, que produzia uma moda para as elites. A partir dos anos 1960 a tendências de moda partem dos jovens de cultura urbana, invertendo o sistema de propagação triangular analisado por Simmel (2008). Além disso, a maior importância dada ao âmbito do lazer durante as décadas de 1950 e 1960, aliado ao impulso da cultura jovem, contribuiu para a exaltação de valores como a expressão individual e o não conformismo, como explica Lipovetsky (2009).

A onda ecológica de meados da década de 1960 a meados da década de 1970 trouxe um novo estilo de vida que coincidiu com o surgimento da cultura da boa forma (MENDES, 2009), que vai ganhando mais força e também vira uma característica marcante da década de 1980 com diversas academias de ginásticas e danceterias.

Um box da edição n° 591 da coluna social “Gente”, materializa bem a mulher

---

madura que recorrentemente é ressaltada na revista:

Membro permanente do Comitê Internacional de Moda, o colunista IBRAHIM SUED integra o seletivo grupo que todos os anos escolhe em Roma os dez homens e as dez mulheres mais elegantes do mundo. E, desta vez, suas indicações - aceitas pelo Comitê - incluíram duas brasileiras: a rainha Sílvia, da Suécia, e a estilista de moda Madeleine Saad. Satisfeito por ter conseguido barrar as pretensões de 'bonecas badaladas e deslumbradas' e disposto a só votar 'em mulheres que trabalham', Sued, que cortou silhuetas como Carmen Mayrink Veiga e Perla Lucena - invenções suas -, só teve uma tentativa frustrada: a de colocar na lista masculina Charles de Gaulle Neto. Mas concordou com o resultado final, até mesmo com a inclusão do marechal Tito e do escritor Alberto Moravia, porque "comunista também pode ser elegante". (VEJA, nº591, 2 de Janeiro de 1980, editora Abril. p. 17.)

Esta breve idealização na primeira edição da revista, de quem seriam as mulheres mais *elegantes* dos anos 1980, de acordo com Ibrahim Sued, reflete bem o que é apresentado na coluna social constantemente durante o ano analisado. Vemos aqui duas figuras da elite: a rainha Sílvia da Suécia e a estilista Madeleine Saad que, além de consideradas elegantes e pertencentes a famílias muito ricas, são engajadas em projetos sociais e trabalham – dois requisitos que são constantemente ressaltados na coluna. *Elegância* sempre foi algo difícil de ser definido, mas quando Ibrahim Sued, repetindo que “integra o seletivo grupo que todos os anos escolhe em Roma os dez homens e as dez mulheres mais elegantes do mundo”, e também é famoso colunista social no Brasil, diz que dará preferência a mulheres que trabalham, temos uma nova qualidade ou requisito de qualidade para estas mulheres. A entrada, agora normalizada, das mulheres no mercado de trabalho é refletida de vários modos na revista, a qual apresenta debates em universidades, encontros de mulheres e reuniões políticas sobre a dupla jornada de trabalho (agora mais reconhecida) e sobre os salários desiguais e injustos, sobre a menor quantidade de cargos de poder ocupados por mulheres. Além disso, observam-se discussões de como essa mulher que trabalha também deve continuar atuando dentro de casa como mãe e dona de casa, reportagens sobre mulheres que têm filhos e cuidam deles e também sabem administrar uma empresa, ou mulheres que souberam ser empreendedoras no âmbito do lar, reiterando os valores tradicionais.

Outras matérias sobre *topless*, aborto e pílulas anticoncepcionais também mostram a atenção da revista para assuntos polêmicos, funcionando como um tipo de denúncia sobre a posição dos políticos da época e da importância desses assuntos serem discutidos. Mesmo assim, a revista, como diversas outras mídias do momento, funciona

para reiterar alguns valores tradicionais também. No entanto, é importante lembrar que esses assuntos são pauta por não poderem mais ser ignorados, depois de tanta discussão trazida pelos movimentos juvenis dos anos 1960.

Já as colunas de moda trazem as novas coleções e o que está sendo usado, apontando a marginalização da mulher mais velha e da mulher fora do padrão de magreza para o uso de certos tipos de roupas que estavam em voga, como a minissaia, o shorts curto, o próprio *topless*, a calça *baggy* etc. Essas diversas reportagens sobre vida saudável indicam a grande tendência do corpo estruturado e atlético na década de 1980, o que influenciou a moda e o comportamento. Tais tendências caminhavam de mãos dadas com os terninhos e a roupa de alfaiataria, como mostra a Figura 1:

Figura 1 – Páginas da revista com conteúdo de moda, a primeira falando sobre a minissaia e a segunda sobre as roupas de linho e alfaiataria, mas de um jeito novo de usar



Fonte: Revista Veja, n. 605, 9 abr. 1980, p. 57; Revista Veja, n. 638, 26 nov. 1980, p. 81.

As calças jeans, calças de alfaiataria e outras roupas esportivas são altamente aderidas pela mulher jovem. Ela aparece como responsável e independente, já se sustenta sozinha, tem opinião política e normalmente está na faixa dos vinte e poucos até por volta dos 38 anos, revelando já a elasticidade do conceito de juventude. Ela pode ser

casada e ter filhos, mas está longe de ser vista como aquela mãe tradicional, como a “mulher madura”. Essa última, por outro lado, é mostrada como uma mulher passiva, romântica, que ainda vive em função do lar e depende do marido para as mínimas coisas, usa roupas mais tradicionais, faz parte de um grupo dominante e vive no ócio do lar. A julgar pela invisibilidade desse estereótipo feminino na revista, pode-se concluir que essa mulher está fora de moda.

Mesmo fazendo parte do grupo dominante e podendo ser julgadas como sendo elegantes, essas mulheres jovens aparecem com um novo poder, um poder não ameaçador e subversivo, mas agora de valor reconhecido pela maioria. Trata-se da adoção do estilo alternativo, assim denominado por Diana Crane (2006), que seria o vestuário feminino adotado por mulheres que viviam na marginalidade<sup>5</sup> noséculo XIX e que finalmente foi aceito completamente (com gravata, camisa, paletó, bonés, sapatos e a *calça*) em espaços urbanos na década de 1980, já tendo sido popularizado por grandes *maisons* de alta costura, lojas de departamentos e pela TV e o cinema. Essas peças de alfaiataria são mais adotadas por mulheres que aparecem na revista quando são figuras que já atuam no mercado. Colunas como *Vida Moderna* mostram donas de casa que se tornaram empreendedoras. Alguns desses negócios já faziam parte do cotidiano de muitas donas de casa que ajudavam na vida financeira do lar, mas agora começam a aparecer com outro olhar e elas se revestem com esses códigos para serem inseridas no ambiente formal do trabalho e obterem maior reconhecimento.

A mulher de 1980, além de ser ativa no mercado de trabalho, deve ser ativa no corpo, aderindo aos apelos de maior saúde a partir do movimento que estavam em voga. Há muitas reportagens sobre o corpo na revista, tanto falando de moda (como a volta das minissaias e o aparecimento dos shorts curtos, peças as quais, segundo a revista, é de bom tom que apenas mulheres de pernas bonitas e mocinhas as usem), de comportamento (como as aulas de dança e ginástica que tem conquistado cada vez mais mulheres de todas as idades - Figura 2). Essa ideia excessiva do corpo saudável é bem diferente da ideia do corpo livre e naturalista do espírito hippie, conforme demonstram as reportagens contando sobre o estilo de vida dos “novos hippies”, pessoas descritas como

---

<sup>5</sup> De acordo com Diana Crane, por marginalidade entende-se aqui mulheres que por alguma razão precisavam trabalhar ou tinham algum tipo de ocupação, independência econômica já que, comumente, não eram casadas. Para se distinguir e, ao mesmo tempo, se fazer respeitar, essas mulheres adotavam parte do guarda-roupas masculino combinados a trajes femininos, como paletós com saias, blusas e gravatas, chapéu *canotier*, etc. A autora destaca que usar todas as peças em conjunto era visto como algo caricato, como uma imitação do homem, mas algumas dessas eram aceitáveis.

bem sucedidas, que cuidam do corpo e relaxam num contato mais próximo à natureza, preferindo alimentos naturais aos industrializados e sem levantar “novas bandeiras existencialistas”, como dizem:

Hippies que fazem ginástica, dormem e acordam cedo, andam nus e libertos por mais de 10 quilômetros de praias, tomam sol, não ligam para drogas e sacam, a qualquer momento seus talões de cheques especiais [...]. São hippies da década de 80, que nada tem a ver com as viagens tresloucadas de Woodstock. [...] Do totem dos anos 70 eles retiraram também o amor grupal e os compromissos com a contracultura dos jovens que tentam transformar Arembepé numa reprodução encantada do que acontecia fora do país. (Veja, nº606, 30 de Abril de 1980, p. 45.)

Figura 2 – Reportagens sobre ginástica e saúde do corpo



Fonte: Revista Veja n. 616, 21 maio 1980, p. 70 (O salto da moda); Revista Veja n. 616, 25 jun. 1980, p. 64 (Antiginástica).

Percebe-se na citação a promoção de valores do individualismo contemporâneo que, embora valorizem o corpo, a saúde e a natureza, os fazem sem qualquer crítica aos valores capitalistas da sociedade ocidental. Além disso, a revista reitera que esse corpo saudável procura a beleza, e não a liberdade, ao vincular a minissaia à pernas belas e jovens e não à liberdade feminina de se apresentar segundo seus próprios desejos.

As matérias da Figura 2 mostram como o hábito da ginástica se propagou e se tornou uma obrigação entre todas as idades: a primeira, de maio, fala sobre o bailarino Baryshnikov que fazia uma temporada no país e aproveita para introduzir as academias

de dança e ginástica, que estavam cada vez mais cheias de mulheres de todas as idades. O exercício físico não é mais um meio de manter o corpo em forma e disciplinado, mas também um espaço para relaxar, ou seja, um campo do lazer, e é exatamente esse ponto que é revelado na matéria “Antiginástica” de Junho, dizendo como o exercício não precisa ser algo torturante e sim algo relaxante. Com esse *boom* das academias e da vida *fitness*, as roupas de ginástica começam a ganhar mais cores e características da moda, os tênis são usados mais amplamente por jovens em todos os ambientes, tornando-se um calçado urbano, as camisetas que já eram comuns agora são usadas nas ruas também com os shorts de ginástica e outros acessórios. A moda esportiva também expande-se para além das práticas esportivas, ou seja, são usadas no cotidiano por pessoas que não necessariamente praticam atividades físicas.

A imagem da jovem adolescente é retratada como parte de uma geração obcecada pelo corpo e que não se preocupa com assuntos políticos em geral. Por outro lado, essa figura apontada pela *Veja* entra em contradição com outra, que é a da jovem universitária feminista também presente na revista – a essa última se atribui o *topless* nas praias e a participação em debates.

Em novembro de 1980, na edição nº 635, a capa da *Veja* traz a manchete “Carter x Reagan - Enfim, a decisão” e no canto superior esquerdo “Rita Lee - O realce dos Jovens”, essa segunda matéria, na parte nomeada de “especial” na revista, ocupa 6 páginas falando sobre os jovens da geração desta nova década, da página 60 a 66. O título da matéria é “A juventude da beleza - A roqueira Rita Lee ganhou. Chegou a vez de uma geração de jovens sem complicações e disposta a ser bela e saudável sem querer salvar o mundo” – o subtítulo resume bem o conteúdo da matéria, tanto na preocupação do corpo e despreocupação política.

Constantemente a geração dos anos 1980 é posta como a geração perdida, muitas vezes comparada à geração dos anos 1960 (ABRAMO, 1994), nessa matéria, diversos assuntos são tratados para mostrar o mesmo ponto de vista: jovens sem opinião (nem para a música que escutam), extremamente preocupados com o corpo, usam drogas – (como a maconha), mas não pela viagem dos anos 1960 e nem por obras de Huxley –, alienados, *fãs de marcas famosas*, despolitizados, dispensam o papel de geração futura, narcisistas, condenam políticos de forma genérica (de acordo com a matéria todos os marcos históricos que poderiam “trazer alguma coisa para a cabeça deles”, como o governo de Getúlio Vargas, a Segunda Guerra Mundial, a perda do poder de João



Goulart, a mudança da capital para Brasília e a ditadura militar são fatos distantes ou amenos, que não os afetam mais), os que entram na política votariam no PT “como é quase de praxe nessa parcela mais politizada da garotada”, os meninos são a favor da virgindade para sua irmã e mulher que vão casar, mas não para as demais, as meninas dizem ter que conversar sobre sexo em segredo para não serem xingadas por garotos, quando chega a hora de escolher a profissão sempre partem para as mais tradicionais— esse é um resumo dos pontos levantados nessa matéria sobre a juventude 80, e tudo isso dividindo espaço com a promoção do disco novo de Rita Lee, Lança-Perfume, na época.

Figura 3 – “A Juventude da Beleza - A roqueira Rita Lee ganhou. Chegou a vez de uma geração de jovens sem complicações e disposta a ser bela e saudável sem querer salvar o mundo.”



Fonte: Revista Veja, n. 632, 5 nov. 1980, p. 60 e 61.

Vemos a permanência de alguns valores e símbolos da juventude sendo altamente explorados, como o corpo e o consumo desenfreado, mas também a apresentação de uma juventude de cabeça vazia. Helena Abramo (1994: XI, XII) fala da imprensa da época apontar “modismo” ou “expressões de um protesto cético” como interpretação das

atitudes tomadas por parte destes jovens, mas quando pensamos em movimentos juvenis, vemos que o próprio desinteresse é também uma forma de resposta. Abramo (1994) também destaca que os jovens se tornaram um “[...] ‘anti-projeto de libertação’, constituindo uma expressão da alienação produzida pelo próprio autoritarismo”. Sendo essa “juventude 80” formada socialmente no período do auge da ditadura, se decepcionaram com a falta de resultados realmente significativos de outras gerações que lutaram contra governos autoritários e adotar uma postura mais relaxada politicamente era uma forma de se distanciar das gerações anteriores. Logo, esses jovens com roupas esportivas, cabelos queimados de sol, vegetarianos sem a consciência ecológica e que querem casar na igreja são um sinal de que as quebras de normas das gerações anteriores também não resultaram em uma sociedade completamente progressista e que não mantinha os modelos tradicionais de forma radical. O que vemos é que, na geração de jovens dos anos 1980, aparentemente, os modos de rebeldia são mais sutis e subjetivos do que os da década de 1960.

Mesmo assim, a mudança no comportamento cotidiano e a criação de novos hábitos através de transformações sociais são claros nas roupas. Neste caso gostaríamos de ressaltar como esses jovens tinham um lazer muito relacionado à atividades saudáveis, mesmo que fossem de forma despretensiosa. As pistas de patinação e as academias de ginástica, por exemplo, que foram febre na época, levaram as roupas de ginástica a um novo patamar, não sendo usadas apenas nos lugares exclusivos da prática esportiva, sendo hoje comuns até em locais de trabalho, o que mostra um relaxamento nas normas de conduta. A questão da roupa esportiva, normalmente feita de malha e seguindo a forma do corpo, leva a “esculturação” do corpo a um outro nível, o que supomos ter sido uma questão que ganhou mais importância nos meados dos anos 1980, com o advento da AIDS.

A partir de 1982, o HIV passou a ter maior atenção das mídias no Brasil, ainda como assunto distante da realidade, mas já com os primeiros casos da doença no país. A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida trouxe uma volta ao moralismo que condenava a liberdade sexual (motivo de luta da década de 1960), por ser uma doença sexualmente transmissível e, principalmente, por ter afetado um número maior de homossexuais no início, o preconceito retorna em certos aspectos antes superados.

Se compararmos imagens de revistas dos anos 1970 com as dos anos 1980, fica claro que os corpos parecem diferentes: o corpo nos anos 1970 tinha uma aparência mais

andrógina, homens e mulheres com cabelos do mesmo comprimento, a maioria de aspecto magro, esguio e sem curvas, vestindo roupas com cores e formas que são comuns para o guarda-roupa de ambos os sexos. Já nos anos 1980, podemos perceber que o corpo masculino volta a ficar maior e mais musculoso, o cabelo curto e as roupas mais identificadas com a heterossexualidade masculina, enquanto a mulher usa o *powersuit* ou roupas vistas como mais femininas, exibindo um corpo mais curvilíneo, modelado pelos exercícios físicos.

### 3 CONCLUSÃO

No início da década de 1980 a mulher se oficializa como participante formal do mercado de trabalho, ocupando cargos importantes e também sendo empreendedora, para se firmar como figura respeitada. Essa mulher se utiliza de peças do guarda-roupa masculino como código de poder, agora já adotados e disseminados por grandes marcas e feitas exclusivamente para elas. O corpo jovem está na moda e ele está vinculado às atividades de lazer da discoteca e dos esportes que não exigem tanta disciplina. A década de 1980 no Brasil não é um momento de avanço de pautas feministas, como ocorreu em outros países, pois o cenário nacional é muito desigual e a mulher negra das classes populares se vê em condições de maior exclusão e exploração em relação àquelas da classe média e detentoras de algum diploma universitário. Nesse sentido, as questões relativas à ditadura militar, como a liberdade política, anistia e exploração do trabalho compõem essa agenda feminista.

A juventude mostrada pela revista é despreocupada e alienada politicamente, mas provavelmente exausta por ter passado a infância em um país de regime político autoritário. De outra parte, a revista também prefere retratar a juventude “zona sul”, ou seja, frequentadores de praias, academias de ginástica, envolvidos com atividades de lazer, já que muitas pesquisas do período dão conta da diversidade de experiências dos jovens das classes populares. Também percebemos as tendências de novas formas de se portar e se vestir relacionada aos corpos e ao comportamento juvenil desta época, com a pesquisa ainda em andamento, conseguimos apontar já algumas situações da volta do dualismo entre corpos femininos e masculinos na década de 1980.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. **Cenas Juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- BARATA, Germana. A televisão contribuindo para a história das doenças. **Revista Esboços**. Florianópolis, n. 16, p. 127-146.
- CRANE, D. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. Tradução: Cristina Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**: volume 1 – Uma história dos costumes. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MENDES, Valerie D; HAYE, Amy de la. **A moda do século XX**. Tradução Luís Carlos Borges. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. (Coleção mundo da arte).
- REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, jan. 1980 - jan. 1981. Edições n. 591 a 647.
- REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, n. 605, 09 abr. 1980, p. 57.
- REVISTA VEJA, São Paulo: Editora Abril, 611, 21 maio 1980, p.70.
- REVISTA VEJA, São Paulo: Editora Abril, n. 616, 25 jun. 1980, p. 25.
- REVISTA VEJA, São Paulo: Editora Abril, n. 632, 05 nov. 1980, p. 60 e 61.
- REVISTA VEJA, São Paulo: Editora Abril, n. 638, 26 nov. 1980, p. 81.
- SILVA, Elisabeth M. As dez mais elegantes: notas sobre a rigidez do comportamento feminino no Brasil dos anos dourados. In: COLÓQUIO DE MODA, 10., 2014, Caxias do Sul. **Anais do 10º Colóquio de Moda**, 2014, p. 1-12. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202014/ARTIGOS-DE-GT/GT06-MODA-CULTURA-E-HISTORICIDADE/GT-6-As-dez-mais-elegantes.pdf>
- SIMMEL, Georg. A moda. **IARA** – Revista de Moda, Cultura e Arte, São Paulo, v.1, n. 1 abr./ago. 2008. Disponível em: [www.iararevista.sp.senac.br](http://www.iararevista.sp.senac.br).
- SPINK, Mary J. P; MEDRADO, Benedito; MENEGON, Vera M; LYRA, Jorge; LIMA, Helena. A construção da AIDS-notícia. Núcleo de Pesquisas em Psicologia Social e Saúde, PUC SP. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 851-862, jul.-ago. 2001. p. 841-862.